

ECONOMIA / Inauguração da quarta loja em Ceilândia, nesta quarta-feira, reforça laço de afeto e agradecimento que a empresa atacadista nacional tem pela região administrativa. No Brasil, grupo conta, agora, com 36 operações

Dia a Dia inaugura 20ª loja no DF

A rede Dia a Dia Atacadista vai ampliar a presença no Distrito Federal com a inauguração de mais uma unidade em Ceilândia. A nova loja, localizada na região norte da cidade, abre as portas nesta quarta-feira, às 7h, e marca a 36ª operação do grupo e a 20ª no DF.

A escolha do endereço reforça a ligação histórica da empresa com a região. Foi em Ceilândia que a rede consolidou uma de suas primeiras lojas no Distrito Federal, ainda no início da expansão local. Agora, a cidade recebe a quarta unidade do grupo.

O diretor da atacadista, Branco Amaral, afirma que a inauguração representa uma história com a população e com a cidade que acolheu a iniciativa. “Nossa relação com Ceilândia vai muito além das gôndolas, é uma história de acolhimento que começou em 2013. Inaugurar a 4ª loja na cidade é a nossa forma de dizer ‘obrigado’. Mais do que desenvolvimento econômico, trazemos a esperança de centenas de novos postos de trabalho. Crescemos com a cidade, investimos nas pessoas e honramos nossas raízes”, disse.

Com 3 mil metros quadrados de área total — sendo 1,5 mil m²

Divulgação



Escolha do endereço para nova unidade do grupo reforça a ligação histórica com a região administrativa

destinados ao espaço de vendas — a nova loja contará com 16 caixas, incluindo opções de atendimento

rápido. O mix reúne mais de 8 mil itens, entre alimentos, produtos de limpeza e utilidades domésticas,

além de serviços de açougue, padaria e hortifruti. A loja funcionará em todos os dias da semana,

tendo horários de segunda a sábado de 7h às 22h; e aos domingos, das 7h às 20h

Além do reforço na oferta de serviços e produtos para a população, a abertura também movimentará o mercado de trabalho. Segundo a empresa, foram gerados 161 empregos diretos e mais de 300 indiretos para a operação da nova unidade.

Com cerca de 287 mil habitantes, Ceilândia é a região administrativa mais populosa do DF e responde por mais de 10% do Produto Interno Bruto local. A aposta na expansão acompanha o potencial de consumo da região.

O Dia a Dia é considerado um dos maiores atacarejos do Centro-Oeste e mantém lojas no Distrito Federal, em Goiás, Tocantins e Bahia. A origem do grupo remonta à década de 1960, em Padre Bernardo (GO), quando a família Oliveira fundou um pequeno comércio local. Ao longo das décadas, a operação passou por sucessões familiares e mudanças estratégicas até consolidar a marca atual, que há 13 anos atua sob o nome Dia a Dia Atacadista.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



O casal Janaína Lins e Márcio Freitas esteve no Canteiro do Samba, no Museu da República, ontem

acompanhar vários blocos”, afirmou. Mesmo após vários dias de festa, ela decidiu aproveitar, também, a programação do fim de semana. “Carnaval é uma energia que a gente quer o ano inteiro”, completou.

A bombeira militar Lorena Ferreira, 36, também optou por passar o carnaval em Brasília. Natural de Minas Gerais, mora na capital há 11 anos e elogiou a folia local. Segundo ela, a comemoração tem evoluído e oferece boas opções para quem quer

curtir sem sair da cidade.

Apesar de considerar que ainda faltam grandes atrações nacionais, Lorena destaca que a programação abre espaço para artistas e bandas locais. “Não é o carnaval ideal, com grandes nomes, mas é uma oportunidade de ver a arte e a música daqui. Isso é muito positivo”, afirmou. Animada, seguiu aproveitando o Canteiro do Samba para gastar o restinho de energia que sobrou da maratona carnavalesca.

O empresário João Pedro, 35, morador do Noroeste, também marcou presença na ressaca. Segundo ele, neste ano a rotina foi diferente: em vez de cair na folia, passou boa parte do período trabalhando.

“Eu e minha família passamos o carnaval trabalhando, então acabamos curtindo mais em casa mesmo”, contou. Ainda assim, ele, a esposa e a filha decidiram aproveitar o último dia de festa para não deixar a data passar em branco.

“A ressaca é uma oportunidade de aproveitar, nem que seja um pouquinho, para não dizer que não vimos nenhum bloquinho.”

Para João, o carnaval é uma expressão importante da cultura brasileira e, desta vez, teve um significado ainda mais especial. Casado com uma francesa, viu na programação a chance de apresentar a festa popular à esposa e à filha. “Elas não conseguiram acompanhar os outros dias, mas esse restinho está servindo para conhecer o carnaval de verdade”, afirmou.

Janaína Lins, 45, também não conseguiu curtir o carnaval durante o feriado e aproveitou a ressaca para ter um gostinho da festa. Ela contou que precisou passar por uma cirurgia no início do mês e, por isso, ficou de fora da maior parte da programação. “Eu fiz uma cirurgia e não pude aproveitar o carnaval. Então hoje está sendo a minha folia!”, disse, animada.

Ao lado do marido, Márcio Freitas, 43, ela destacou que, quando não viajam para o Nordeste, o casal costuma buscar opções em Brasília. “O carnaval daqui é muito bom. Quem não consegue viajar tem que aproveitar a cidade mesmo”, avaliou. Para os dois, a ressaca representa mais do que o encerramento da folia: é a garantia de que o ano não passe sem ao menos um gostinho de carnaval.

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Mesmo após os quatro dias oficiais de festa, muitos foliões ainda ficam com um gostinho de quero mais depois do carnaval. É esse público que movimentará as tradicionais ressacas carnavalescas no Distrito Federal. Ontem, o Museu Nacional da República recebeu o Canteiro do Samba, que levou batucada e alegria aos presentes.

A programação começou às 17h, em clima de animação. Entre os foliões, estava o grupo de amigas Dannyelle Avila, Iandra Mazer e Isis Sivinski. As farmacêuticas passaram o carnaval em locais diferentes e aproveitaram o evento para curtir, juntas, o clima carnavalesco que não puderam compartilhar durante o feriado oficial.

Dannyelle, de 43 anos, contou ao **Correio** que decidiu aproveitar a

ocasião para matar a saudade da folia. Neste ano, ela viajou para Porto Alegre (RS) para visitar a família e, por isso, não curtiu o carnaval em Brasília. “Eu estava carente de carnaval, por isso decidi curtir hoje”, afirmou.

Ao contrário, Iandra Mazer, 40, passou o carnaval na Bahia. Apesar de ter aproveitado bastante a folia baiana, disse que ainda queria encerrar a temporada ao lado das amigas na capital. “A expectativa é fechar o carnaval com chave de ouro com o bloco Eduardo e Mônica, que eu amo e sou muito fã”, disse.

Evolução

Já Isis Sivinski, 34, curtiu o carnaval em Brasília. Morando na capital desde 2017, destacou a evolução da festa ao longo dos últimos anos. Para ela, a experiência foi “sensacional”. “Foi muito bom, diversidade pura. Consegu



Candangos

JORGE HENRIQUE CARTAXO | jorgehenrique.cartaxo@gmail.com
ESPECIAL PARA O CORREIO

Banto e quimbundo no Cerrado

Lagos, localizada no Distrito de Faro, na região do Algarve, no sul de Portugal, é hoje um dos mais distintos destinos turísticos da Europa Ibérica. Praias; patrimônio arquitetônico, cultural e religioso; noites festivas e alta gastronomia. Reconquistada pelos cristãos no século 13, Lagos — inicialmente Laccobriga — já era habitada, desde 2000 a.C., pelos Cónios, pré-romanos de origem celta reconhecidos por sua rica e refinada cultura. Depois vieram os cartagineses, os romanos, os bárbaros e os muçulmanos, até a reconquista cristã.

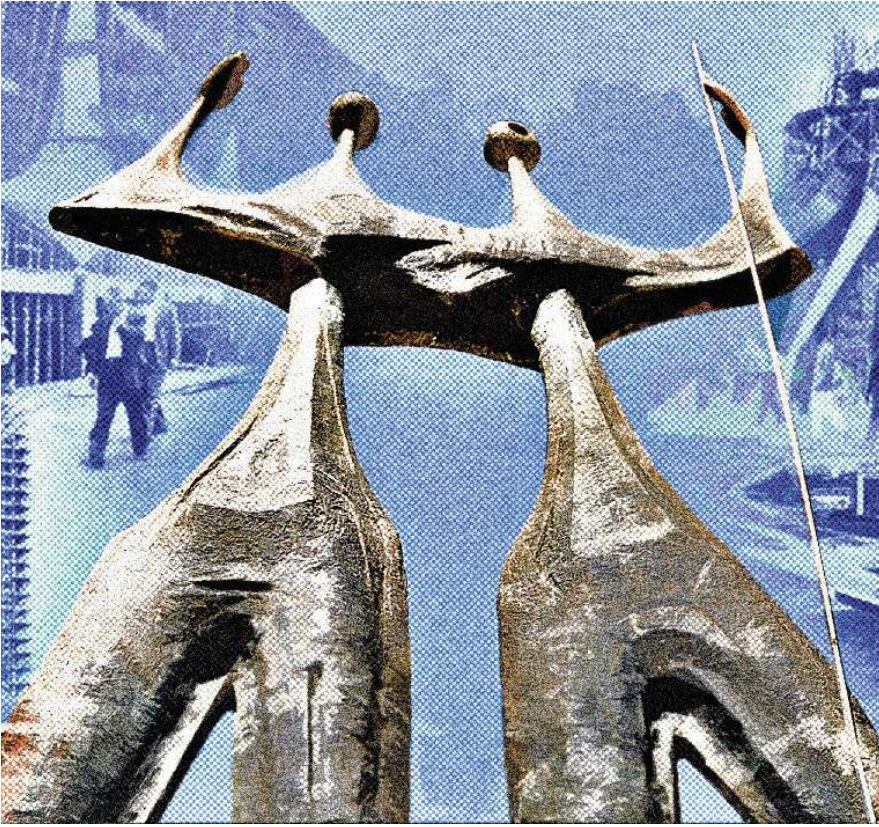
Crônica do Descobrimento e Conquista da Guiné, de Gomes de Eanes de Zurara, descreve, com clareza e sensibilidade, o primeiro leilão de cativos em Portugal, ocorrido na cidade de Lagos, no dia 8 de agosto de 1444. Naquela manhã, 235 escravizados — entre homens, mulheres e crianças — saíram dos porões de um pequeno grupo de caravelas ancoradas no singelo cais da cidade, onde seriam ofertados aos compradores, na praça abraçada pelo mar. A cavalo, cuidadosamente afastado da pequena aglomeração que se formava diante da novidade, o infante Dom Henrique acompanhava o movimento, ao mesmo tempo em que orientava a separação de seus 46 escravizados, aos quais fazia jus por direito real.

Iniciava-se ali o grande negócio da escravidão, que financiaria, em parte, as grandes

navegações, os descobrimentos e a colonização das Américas, sobretudo do Brasil. Biógrafo do infante Dom Henrique e guarda-mor da Torre do Tombo, Zurara registra, em 1448, aquele momento inaugural e parte da evolução da presença portuguesa no continente africano. O raro e esclarecedor documento, que se acreditava desaparecido ou até inexistente, foi encontrado na Biblioteca Nacional de Paris, em 1837, e finalmente publicado em 1841. Em sua obra magistral *Escravidão*, Laurentino Gomes faz ampla referência a esse texto, transcrevendo partes importantes do histórico relato.

Paulo Dias de Novais, neto de Bartolomeu Dias, então governador de Angola — à época, Capitania Hereditária —, chega à baía de Luanda no dia 11 de fevereiro de 1575, com 700 homens e uma esquadra de sete navios. O ouro e a prata faziam parte dos interesses econômicos que levaram Paulo Dias ao continente africano. Mas a captura de cativos era sua maior motivação. Nada foi comparável ao que viria a ser a verdadeira devassa feita em Angola. Cerca de 70% dos quase cinco milhões de escravizados trazidos da África para o Brasil, entre o século 16 e a primeira metade do século 19, vieram de Angola.

Ao contrário dos nativos de outras regiões da África, especialmente os das tribos do Congo, os angolanos não se deixavam dominar facilmente. É nesse embate que



surge, nas vilas e tribos do sudeste de Angola, a expressão “candango”. Uma corruptela da palavra “candongo”, da língua quimbundo — uma das variantes da grande família das línguas bantas —, “candango” era a forma pejorativa como os angolanos se referiam aos colonizadores portugueses. Foi com esse sentido que o termo chegou ao Brasil, onde, em uma resignificação local, passou a designar trabalhadores — em geral do Norte e Nordeste do país —, em sua

maioria mestiços, itinerantes, biscoiteiros, sem profissão definida e pobres.

Quando milhares de nordestinos correram ao Planalto Central em busca de oportunidades e trabalho, no início da construção de Brasília, aqueles que não eram contratados e transferidos pelas grandes construtoras eram chamados, pejorativamente, de candangos. Eram os caminhantes, os que chegavam em paus de arara, em lombo de mulas, de qualquer jeito. Eram eles, os candangos!

Reza a lenda que Juscelino Kubitschek, em uma de suas inúmeras visitas a Brasília em construção, percebeu que grande parte dos trabalhadores se dirigia uns aos outros com o termo candango, não raro com graça e humor. Certa feita, ao cumprimentar o carpinteiro Edwardes Cabral, que trabalhou na construção do Palácio da Alvorada, JK o abraçou e disse: “Eu sou o candango número um. Você, o número dois”. Naquele momento, a palavra candango abandonava a aflição africana e a disfunção do nordestino errante. O candango passaria a ser o gentílico da gente do novo Planalto Central, onde estava sendo erguida a nova capital. Não por acaso, quando Os Guerreiros, de Bruno Giorgi, foi colocado na Praça dos Três Poderes, bem antes da inauguração da cidade, os candangos se viram ali representados e passaram a chamar o grande monumento de Os Candangos — hoje um dos símbolos de Brasília.

É com esse breve histórico que iniciamos hoje nossas crônicas quinzenais, Candangos, nas quais revisitaremos cenas, lugares e monumentos de nossa cidade, Brasília. Falaremos de pessoas, de ontem e de hoje, que fizeram e fazem a história de nossa capital. Contaremos a história das famílias, filhas dos candangos que aqui nasceram e cresceram, sempre com as mãos no leme e o olhar no mastro de nossa história. Procuraremos trazer ao leitor a distinção da memória e a preciosidade da lembrança.

Jorge Henrique Cartaxo é jornalista, mestre em História pela Universidade Paris-Sorbonne, sócio-fundador do Instituto Histórico do Tocantins, sócio-correspondente do Instituto Histórico de Goiás e diretor de Relações Institucionais do IHG-DF